

# MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

## ENTREVISTA COM MOZART COUTO

### ENTREVISTA DE MOZART COUTO A FRANCO DE ROSA (1ª Parte)

#### Fale sobre a Grafipar.

Comecei empolgado, porque era um bom mercado para os Quadrinhos que iria trabalhar numa editora, que iria ter uma profissão para o resto da vida. Mas fui percebendo que era uma tentativa de criar um mercado para o Quadrinho Brasileiro, então já foi baixando a bola e eu fiquei meio frustrado. A isso juntou o conflito com o erótico, que era a visão de meu pai, mais conservadora, e a colocação da minha mãe que era uma coisa profissional que eu tinha que fazer. Eu via a revolta do meu pai, aquele negócio da AIDS, a coisa do prazer e eu acho que essas coisas influenciam muito... Eu leio o Asterix e também muita coisa de psicologia e tem uma coisa incrível da psicologia analítica de Jung, os personagens vão recorrer ao Asterix, ele é um líder, um ego, o lado inteligente, já o Obelix é o lado inconsistente, aquela força imensa, já nasce grande e infantil. Quando eles têm um problema, que é o exterior que os atinge, eles recorrem ao Druida, que vai ao fundo da floresta, ao fundo do inconsciente com a foice de ouro e separa o joio do trigo, faz a poção mágica e resolve o problema... Comigo é quase a mesma coisa.

#### Você começou a desenhar por gosto.

Eu queria desenhar, me tornar profissional, mas tudo acaba sendo a coisa do ser humano, a coisa alegórica, a luta pela sobrevivência e o medo, só vestido de super-herói, e quando a coisa fica mais próxima do que a maioria sente acho que pega melhor, acho que vai por aí, mas eu não sabia disso, mas fui me auto-conhecendo, lendo, terapias que eu fiz.



Comecei a perceber o quanto os Quadrinhos estavam dentro disso e as pessoas não veem isso, pensam que é só um entretenimento, por exemplo, o vilão tem muito a ver com forças internas, toda a arte está transpassada por metáforas. No Quadrinho erótico, isso é demonstrado por não poder realizar o desejo, não poder realizar o prazer e esse é um elemento na história que você associa inconscientemente com as coisas que lhe impedem de conquistar seu prazer e a coisa da fantasia...

**Vamos voltar a Grafipar, quando você viu a realidade da coisa.**

Eu comecei a ver o lado profissional, a ansiedade, os prazos, pressão, tensão e as crises materiais, a editora falindo, a impossibilidade, começou a entrar o lado prático da sobrevivência e começou a contrabalançar com o ideal de adolescente.

**E a editora Vecchi foi um contraponto, porque foi ao mesmo tempo?**

Mas foi tão pouco que não deu para avaliar, parecia que ia dar alguma saída, porque a Grafipar estava declinando na época que o Otacílio fez contato comigo, mas logo depois a editora Vecchi também faliu. Nessa época esse ciclo de mercado havia fechado e eu acabara de casar há um mês e veio a notícia do fechamento da Grafipar.

**Que na verdade aquilo era seu meio de subsistência.**

Mas logo depois o Zalla ligou para mim, dizendo que gostava do meu trabalho e pediu alguns Quadrinhos e isso acabou se repetindo depois que o ciclo fechou, eu tento alguma coisa, converso com um ou com outro, um me indica e vou, não dá certo, aí aparece outro trabalho, mas você não pode esperar para aparecer, que vai cair do céu, não dá para confiar tanto, mas também se você fica correndo atrás o tempo todo, acaba estressando, eu continuo fazendo por não ter outro trabalho para realizar. Mas o sonho mesmo é pintar, montar um cavalete.



**No tempo da Grafipar deve ter sido importante pela formação e trabalho com vários profissionais de estilos diferentes, isso hoje faz muita falta.**

Demais! O Cláudio Seto me orientou muito, a gente tinha uma relação muito boa entre todos, isso contribuiu para o desenvolvimento de todos os trabalhos, você vê o outro publicando, cada vez mais coisas novas. Na editora D-Arte também tinha um pouco disso, era eu, o Rodval Matias, que era mais próximo, tinham outros que eu já não conhecia, que eram da geração mais antiga.

**Como era a sua relação com o Rodval?**

A gente sempre se deu muito bem, mas acho que só fizemos uma história juntos, uma história de um cara que sai de um casulo, ele fez o lápis e eu a tinta, mas a gente sempre esteve muito ligado na época dos Quadrinhos e ele desenhava com pena e depois começou a desenhar com pincel e o traço ficou muito parecido com o meu, porque era o mesmo tipo de pincelada que eu fazia, só que ele sombreava mais as figuras, eu já me influenciava pelo Quadrinho europeu com as figuras mais claras, eu sempre imaginava os meus Quadrinhos coloridos. Mas eu e o Rodval nos falávamos muito.

**Na época da Grafipar, você trabalhava em São Paulo?**

Eu fui para Curitiba uma vez.

Mas a Grafipar foi a grande escola, o Claudio Seto sempre deu muita liberdade de trabalho.

**A gente fez muita experiência, desenhava em original grande, pequeno, em papel vegetal.**

O Júlio Shimamoto fazia originais menores, eu tentei fazer, pois meus originais sempre foram no tamanho ofício para detalhes e melhor este tamanho para depois eles serem reduzidos para cerca de 50% para publicação. Eu fiz originais menores até que no tempo da editora Press voltei a fazer no tamanho ofício, estava com um pouco de dificuldade para detalhar o desenho. Com o Seto, o Zalla e o Franco eu sempre trabalhei tranquilo. O Zalla dava muita liberdade, que deixou criar algumas séries...

**A remuneração e a produção da D-Arte era a mesma do tempo da Grafipar?**

Era na mesma faixa e o volume de produção também, cerca de 30 páginas por mês. Meu trabalho foi muito reconhecido nas revistas da D-Arte, apesar de que muita gente me conhecia da Grafipar e gostava.